



## ESTADO NOVO (1937-45)

Os integralistas, que tiveram participação mais ativa no golpe do Estado Novo, acreditavam, com certa razão, que o movimento estava às portas do poder ou, na pior das hipóteses, que se constituiriam em sócios privilegiados de Vargas e dos militares no gerenciamento do Estado. Apoiaram o governo nos vários momentos de crise. É inclusive a AIB que vai fornecer a Vargas o subsídio para o golpe. Trata-se do Plano Cohen. No dia 22 de setembro, os jornais publicavam o “Plano Cohen”, suposto plano de ação terrorista organizado pelos comunistas, que previa assassinatos em massa, explosões em escolas, o caos e a subversão total ao governo. O “Plano” havia sido forjado pelo capitão Olimpio Mourão Filho, chefe de propaganda da Ação Integralista Brasileira, sendo retomado por Vargas e pelo general Góis Monteiro, que o apresentou ao público como um “plano comunista capturado pelo serviço secreto do Estado-Maior”. Esse grosseiro engodo, possibilitou uma atmosfera favorável para implantação do Estado Novo.

O governo agora passou a ofensiva, muitas pessoas foram presas acusados de serem comunistas, aumento ainda mais o cárcere da ditadura varguista. O clima repressivo anulou completamente as possibilidades de continuação de campanha eleitoral. Vargas, Dutra e Góis Monteiro preparavam-se para a destruição final da democracia, enquanto Francisco Campos dava os últimos retoques na Carta constitucional, baseada na Constituição da Polônia fascista, daí ela ficou conhecida como Polaca. O tiro de misericórdia a democracia acontece quando Getúlio Vargas, decreta estado de sítio e fecha o Congresso, retirando todos os direitos dos brasileiros. Em 10 de novembro Vargas instaura o Estado Novo com o seguinte pronunciamento:

“(…) Quando as competições políticas ameaçam degenerar em guerra civil, é sinal de que o regime constitucional perdeu o seu valor prático, subsistindo apenas como abstração.”



O pragmático Getúlio Vargas buscava apoio popular ao novo regime através da educação e do Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em 1939. Vargas cria o Instituto Nacional do Livro, que orientará a disseminação de uma cultura nacional que vá ao encontro dos interesses do novo regime. Segundo o escritor Ludwig Jr. “A missão fundamental das escolas, porém, foi redefinida como se destinando a estimular valores tais como de nacionalidade, a disciplina, o vigor físico, o trabalho, a parcimônia e a moralidade”. De quebra praticamente em todas as capas dos livros estava estampada à foto de Getúlio, reforçando a personificação do grande mito em torno da figura de Vargas, bem ao modelo nazi-fascista de Hitler e Mussolini.

O DIP era o órgão responsável pela censura, pela propaganda do governo, pelo culto a pátria e enfim, pelo ufanismo dando novos contornos ao nacionalismo. Sob sua responsabilidade, a louvação do patriotismo atingiu diferentes camadas de níveis socioculturais distintos e se estendeu por todo o país através da imprensa, das escolas, do cinema e, principalmente, do rádio. O programa radiofônico Hora do Brasil (conhecido como o Fala Sozinho), até hoje existente, era utilizado como instrumento de propaganda do regime. Vargas bem conhecia aquela máxima que dizia a “propaganda é a arma do negócio”.

O Estado Novo não foi, como se viu, um projeto de Getúlio Vargas. Os militares e também grupos burocráticos, principalmente ligados a alta burguesia, tiveram responsabilidade nos preparativos do golpe, defendendo a instauração de um regime repressivo capaz de realizar a modernização do país “de cima para baixo”. Para esses grupos, somente um regime autoritário e estável poderia conduzir o país no sentido da modernização, racionalizando a administração pública e



empreendendo a industrialização através de incentivos ao setor e da criação de uma poderosa indústria de base. As oligarquias regionais e a Igreja Católica, apesar de se situarem num segundo plano nas articulações que levaram ao golpe, deram seu aval aos objetivos de Vargas e das Forças Armadas.

### Cultura: como instrumento disciplinador do Estado Novo

---

Getúlio Vargas, agora ganha novo relevo no imaginário popular, elevado a condição de grande herói nacional, sendo representado como o verdadeiro “**pai dos brasileiros e dos pobres**”. Vale ressaltar que essa construção do **mito**, já vem percorrendo um longo caminho, precisamente, desde o golpe de 30.

O raio de ação do DIP torna-se abrangente a ponto de adquirir absoluto controle da música popular brasileira e de qualquer manifestação a ela relacionada. Assim nos concursos de músicas carnavalescas, nos desfiles de carnaval, nas estações de rádio, nas gravadoras de discos, em tudo estava a mão do DIP. Uma onda de músicas ufanistas patrocinadas pelo DIP varre o país. Como os exemplos às músicas Aquarela do Brasil de Ary Barroso e Glória ao Brasil de Nuno Roland. Tais músicas reproduzem um verdadeiro louvor ao país garantindo uma amálgama de nacionalismo, culto da personalidade de Vargas e exaltação ao Estado Novo.

#### GLÓRIA AO BRASIL

Brasil, ó rincão querido  
Invejado pelo mundo novo  
Com ele está (?) o teu futuro porque  
Pretendiam dominar o teu povo  
Surgiu Getúlio Vargas, o grande chefe brasileiro  
Que entre seus filhos como herói foi o primeiro  
Gravada por Nuno Rolando.

### Um afinado embate: Malandragem versus Trabalho

---

Sem dúvida, a música (assim como outras expressões culturais) é uma importante fonte de informação de um determinado contexto histórico, capaz de nos revelar valores, modos de vida, relações sócio-culturais, visões de mundo e cotidiano das pessoas, etc. Nas décadas de 30 a 50, a música recebeu um grande fôlego e ampliou a sua importância na vida dos brasileiros com a difusão das emissoras de rádio.

É nesse cenário que vamos assistir a uma dicotomia na produção musical no Brasil. Duas correntes dentro do mesmo estilo musical o **samba-canção**, passaram a tencionar, de um lado está a música de exaltação a malandragem, que exorta a figura do malandro, este que ojeriza o batente, valoriza a esperteza, valentia, o sonho de ganhar a sorte grande (loteria e jogo do bicho), o sonho de ter a mulher amada, etc. Do lado estão os compositores que exaltam o trabalho, quase nunca por convicção, pois o DIP além de impregnar com ufanismo verde-amarelo, agora se empenha em reverter essa tendência sambista de exaltar a malandragem, incentivando os compositores a enaltecerem o trabalho. É dessa forma que compositores como Ataulfo Alves e Wilson Batista claramente advogados da malandragem se “converteram” ao trabalhismo varguista. É claro que isso só foi possível, graças a forte censura desenvolvida pelo DIP.

Passemos a observar agora as duas músicas do período, uma de autoria de Wilson Batista, **Lenço no Pescoço** e a outra, em resposta, **Rapaz Folgado** de Noel Rosa. A primeira composição claramente apresenta um forte sentimento de anátema ao trabalho, uma verdadeira excomunhão ao batente. A opção do personagem pela “vadiagem”, reside também falibilidade do trabalho como mecanismo viável para garantir mudanças significativas na vida de um operário. É como diria o nosso herói Wilson Batista “eu vejo quem trabalha andar no misere”. A composição de Noel Rosa, sem dúvida atende



aos anseios do Estado Novo, pois em Rapaz Folgado, ele vilipendia a figura do malandro e dos "sambistas-malandros", numa clara exaltação ao trabalho. Noel, tenta mostrar o quão a figura do malandro está fora de moda e fora da nova conjuntura nacional (industrialização). Seu samba também é extremamente carregado de preconceito com os sambistas que cantam a "malandragem". Observe o excerto da música: "Malandro é palavra derrotista / que só serve pra tirar / Todo o valor do sambista,".

**LENÇO NO PESCOÇO**

Meu chapéu do lado  
tamanco arrastando  
lenço no pescoço  
navalha no bolso  
eu passo gingando  
provoco e desafio  
eu tenho orgulho  
em ser tão vadio  
(bis)

sei que eles falam  
deste meu proceder  
eu vejo quem trabalha  
andar no misere  
eu sou vadio  
porque tive inclinação  
eu me lembro, era criança  
tirava samba-canção

Comigo não eu quero ver  
quem tem razão  
Meu chapéu do lado...

e ele toca  
e você canta  
e eu não dou ai,  
Meu chapéu do lado...

Wilson Batista (1933)

**RAPAZ FOLGADO**

Deixa de arrastar o seu tamanco  
Pois tamanco nunca foi sandália  
E tira do pescoço o lenço branco  
Compra sapato e gravata  
Joga fora essa gravata  
Que te atrapalha

Com o chapéu do lado deste rata  
Da polícia quero que escapes  
Fazendo samba-canção  
Já que tens papel e lápis  
Arranja um amor e um violão

Malandro é palavra derrotista  
Que só serve pra tirar  
Todo o valor do sambista,  
Proponho ao povo civilizado  
Não te chamar de malandro  
E sim rapaz folgado

Deixa de arrastar o seu tamanco...  
Com chapéu do lado deste rata  
Deixa de arrastar o seu tamanco...

Com o chapéu de lado deste rata  
Da polícia que escapes  
Fazendo samba-canção.  
Eu já te dei papel e lápis  
Arranja um amor e violão

Noel Rosa (1938)



As composições abaixo, são canções de compositores que na grande maioria “se converteram”, passando a defender o trabalho com “fervor sacrossanto”, claro que essa conversão fora motivada pela repressão do DIP, censura, vantagens financeiras, etc. Se observarmos bem a composição de Wilson Batista **Bonde de São Januário**, teve que ser recomposta por imposição do DIP. Conheça um trecho da versão original:

“O bonde são Januário  
leva mais um sócio-otário  
sou eu é que não vou trabalhar”

As músicas **Eu Trabalhei** e **É Negócio Casar**, revelam falaciosamente a infalibilidade do trabalho, como mecanismo de garantia salutar da boa vida, da aquisição de bens, carro, casa, etc. As composições demonstram como o trabalhador é “feliz”, com seu trabalho, com seu lar, sua esposa, etc. O objetivo do governo Vargas com essas composições é criar uma mentalidade de a versão ao ócio, garantindo um poderoso exército de reservas para a insipiente industrialização brasileira, para tanto, ele chega inclusive a premiar casais quem tivessem mais de quatro filhos



## 6. O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

*A vergonhosa Paz de Versalhes imposta à Alemanha em 1919 abriu uma brecha para a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), de proporções muito superiores à Primeira Guerra. A Alemanha arrasada, destruída e esfomeada seria o palco da disseminação de um sentimento nacionalista que se exacerbou e levou o país à adoção do nazismo, regime totalitário de extrema direita implantado com a ascensão de Adolf Hitler em 1933.*

A aproximação ideológica entre a Alemanha nazista e a Itália fascista levou essas duas nações a firmar uma aliança política conhecida como Eixo Roma-Berlim. Visando a expansão dos seus domínios, Alemanha e Itália iniciaram um processo de conquistas imperialistas que a abalaram a tímida paz mundial. Levados pelo mesmo impulso militarista e ultranacionalista, os expansionistas japoneses avançaram sobre os países asiáticos e terminaram se unindo os alemães e italianos, formando com eles o Eixo Roma-Berlim-Tóquio.

A Inglaterra e a França praticamente fecharam os olhos para o avanço expansionista de Hitler em direção ao Leste europeu, mas deixaram claras suas intenções de não permitir a conquista da Polônia pelas tropas alemãs. Para Hitler a conquista da Polônia era fundamental, e por isso procurou a então União Soviética, assinando um pacto de “não-agressão” e neutralidade.

No dia 1º de setembro, nove dias depois da assinatura do Pacto Germano-Soviético, a Alemanha invadiu a Polônia. Começava a Segunda Guerra Mundial. Dois dias depois a Inglaterra e a França declararam guerra aos países do Eixo. Em Dezembro de 1941, pretextando o ataque japonês a sua base naval de Pearl Harbour, no Havaí, os Estados Unidos entraram na guerra ao lado dos aliados era fundamental, devido a seu vasto litoral e especialmente pela importância estratégica do Nordeste, região apropriada para a instalação de bases aéreas e navais.

Vargas flutuava ao sabor das ondas, sem se definir sobre o rumo a tomar em relação à guerra. Há quem afirme que ele estrategicamente aguardava que o desfecho da guerra apontasse o provável vencedor. Entre seus assessores havia pró-nazistas e pró-aliados. Contudo, embora fosse chefe de um governo ditatorial ideologicamente muito próximo do nazi-fascismo, Getúlio tinha consciência de que o Brasil, economicamente, não podia viver sem os Estados Unidos.

Além disso Vargas havia se comprometido com os Estados Unidos a garantir bases norte-americanas no Brasil em troca de empréstimos em longo prazo, um dos quais foi aplicado na construção da Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda.

Finalmente, depois do afundamento de vários navios brasileiros por submarinos alemães e da morte de centenas de marinheiros, o Brasil declarou guerra ao Eixo. Nessa altura o país já havia cedido o litoral nordestino para instalação de bases aeronávis norte-americanas no Rio Grande do Norte.

Em junho de 1944 o Brasil passou a participar efetivamente da guerra, com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e da Força Aérea Brasileira (FAB), sob o comando do general Mascarenhas de Moraes. Apesar do mau preparo técnico-bélico, as tropas brasileiras participaram de importantes batalhas como a de Monte Castelo, na Itália, onde marcaram presença com significativas vitórias.

A guerra terminou em 1945. Meses depois Getúlio Vargas era derrubado do poder por um golpe militar desfechado pelos generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra.

## PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS

A luta pela democratização do país antecedeu o final da guerra. Já em 1942 as forças antifascistas começaram a pressionar Vargas para a entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados. Em julho daquele ano houve uma marcha cívica em São Paulo. No Rio de Janeiro a União Nacional dos Estudantes (UNE), que havia sido criada pelo próprio Getúlio Vargas em 1937 para fiscalizar os estudantes, com a anuência de Osvaldo de Aranha, então ministro das relações Exteriores, realizou uma passeata antitotalitária. Filinto Muller, chefe da polícia política, tentou impedir a passeata, mas não conseguiu. Desmoronou seu prestígio. Pouco depois deixava a chefia da polícia.

Em dezembro de 1943 um grupo de estudantes fez uma passeata em São Paulo, com as bocas amordaçadas em protesto contra a prisão do presidente do Diretório XI de Agosto da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Saldo da violenta repressão policial: dois estudantes foram mortos e 25 feridos.

Aumentavam as cisões entre Vargas, figuras importantes do governo e das Forças Armadas. Em 1944 Osvaldo Aranha demitiu-se e Getúlio tomou conhecimento das críticas feitas ao Estado Novo por oficiais brasileiros que lutaram na Europa. Realmente não tinha mais sentido a permanência de um Estado ditatorial no Brasil quando as tropas brasileiras, lá fora, lutavam exatamente contra as ditaduras nazi-fascistas.

Em janeiro de 1945 um grupo de intelectuais, no 1º Congresso Brasileiro de Escritores, lançou um Manifesto exigindo a democratização com o sufrágio universal direto e secreto.

Dois meses depois um jornal publicava longa entrevista de José Américo de Almeida, ex-candidato às eleições presidenciais de 1937. A publicação dessa entrevista, onde o escritor dizia "é preciso que alguém fale, e fale alto, e diga tudo, custe o que custar", demonstrava a fragilidade do DIP e deixava claro que Vargas já não podia enfrentar, como antes, a oposição.

Em fevereiro, sob pressões internas e externas, principalmente dos Estados Unidos, Getúlio Vargas decretou o Ato Adicional. O Ato previa em noventa dias o governo fixaria a data para as eleições presidenciais, para governadores de estado, para o Congresso Nacional e Assembléias Legislativas Estaduais.

Pouco depois Vargas concedeu anistia e libertou centenas de presos políticos, entre eles Luís Carlos Prestes, e permitiu a livre organização partidária. O PCB finalmente saía da clandestinidade, situação que enfrentava desde 1927.

Vários partidos políticos se organizam, Forças heterogêneas de oposição civil e militar criam a União Democrática Nacional (UDN). Getúlio, cuja habilidade era indiscutível, tratou de se sustentar entre as forças contrárias. Estimulou a



formação do Partido Social Democrático (PSD), um partido governista composto principalmente pela elite rural, e pouco depois presidiu, juntamente com membros do Ministério do Trabalho e sindicalistas getulistas, a criação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), um partido teoricamente de massa.

A campanha eleitoral concentrou-se em três candidatos:

- ⇒ Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN)
- ⇒ General Eurico Gaspar Dutra (PSD e PTB)
- ⇒ Yedo Fiúza (PCB)

O quarto candidato, Mário Rolim Teles, não tinha a menor expressão política.

A tendência continuísta se evidencia quando, em meio à agitada campanha eleitoral, surge um movimento popular favorável à continuação de Vargas no poder. Esse movimento popular, apoiado pelos comunistas e estimulado por Vargas, ficou conhecido como Queremismo, porque a massa em suas manifestações públicas gritava "Queremos Getúlio!" "Queremos Getúlio".

O golpe articulado pela UDN e pelas Forças Armadas, onde se destacam os generais Góis Monteiro e Dutra, foi finalmente desfechado em 29 de outubro de 1945. Naquele dia tropas comandadas por Góis Monteiro cercaram o Palácio Guanabara e forçaram Getúlio a renunciar. Era o fim do Estado Novo.

